

# O PAPEL DOS MODIFICADORES EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Maria Verônica Tavares Neves<sup>1</sup>

Dra. Adna de Almeida Lopes<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso do adjetivo e do advérbio (modificadores) em produções textuais de alunos do Ensino Médio. Para a realização deste estudo, apresentamos, num primeiro momento, noções e conceitos sobre a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), desenvolvida inicialmente por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, e que conta atualmente com Marion Carel e colaboradores. No interior desse tópico, destacamos duas seções: a primeira diz respeito à Teoria dos Topoi, já na segunda, fazemos uma rápida explanação sobre os modificadores e a polifonia. O terceiro e último tópico compreende o desenvolvimento da metodologia, a procedência e a análise do *corpus* desta pesquisa, no qual foi feito um recorte de apenas um texto argumentativo, para análise. Nesse texto, partindo-se da concepção de que a argumentação está na língua, constatamos que os adjetivos e os advérbios não acrescentam sentido à palavra lexical a qual estão aplicados, mas altera a força argumentativa desse léxico, e essa argumentação acontece polifonicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria da Argumentação; modificadores; polifonia.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta conceituar alguns elementos que são fundamentais para uma melhor compreensão acerca do discurso escrito e que devem ser mais bem explorados nos Cursos de Formação de Professores, especificamente, nas Licenciaturas em Letras, Língua Portuguesa, para que estes formandos possam conceber outras maneiras de trabalhar a argumentação em textos. Visto que, este tem sido um trabalho bastante difícil, na Educação Básica, tanto para os que ensinam, quanto para os que buscam aprender a produzi-lo.

Este estudo procura tratar da argumentação por um viés teórico que vai apresentar contrapontos ao que vem sendo chamado de concepção tradicional ou argumentação retórica. Acreditamos que esta proposta teórica possa trazer outras contribuições que venham a melhorar e até trazer outras significações com o trabalho

---

1Aluna do mestrado em Educação -CEDU- UFAL, na linha de pesquisa: Educação e Linguagem.

2. Professora Dra. do CEDU- UFAL, pesquisadora da Linha: Educação e Linguagem. Orientadora do trabalho.

sobre argumentação e ensino de língua, principalmente, sobre um novo olhar com o trabalho de textos argumentativos na Educação Básica. Buscamos, então, neste estudo apresentar uma concepção de argumentação inscrita na própria língua e não exterior a ela, como se postula na concepção tradicional. Para melhor compreensão procuraremos de forma sumaria explicar isto.

Na concepção tradicional de argumentação um texto possui sua argumentatividade baseada nos fatos e valores descritos através da linguagem. A estrutura lingüística não tem nenhuma relação com o encadeamento argumentativo do discurso. Logo, a argumentação tem como suporte apenas os fatos e valores.

Nesta perspectiva, a língua desempenha um papel secundário, uma vez que ela serve apenas como instrumento pelo qual o discurso persuasivo é transmitido. Funcionando, assim, apenas como um código pelo qual se transmite a mensagem, pois o que promove as sequências argumentativas são as informações veiculadas pela linguagem e não pela língua. Desta forma, a língua é exterior a atividade argumentativa.

Na concepção teórica adotada por este estudo temos uma concepção de argumentação que contraria a concepção tradicional, pois além de considerar a linguagem como criatividade, ainda propõe que a argumentação está inscrita na língua e não exterior a ela, dito de outra forma, a língua é argumentativa por si mesma. Sendo assim, nesta perspectiva teórica podemos conceber a idéia de que as palavras organizadoras do discurso, dizem muito mais do que parecem estar dizendo. Assim, o que está explícito, na superfície textual, é um dos componentes da construção do sentido de um texto, mas não é o único.

Partindo dos pressupostos teóricos acima apresentados sumariamente, pretendemos com este estudo abordar aspectos da argumentação em textos produzidos por alunos do ensino médio, nos quais objetivamos fazer uma reflexão acerca do uso dos adjetivos e dos advérbios (modificadores), como força argumentativa polifônica.

Posto isto, pretendemos mostrar que mesmo os modificadores não acrescentando sentido a palavra lexical (substantivo e verbo), à qual estão aplicados, estes modificadores podem alterar polifonicamente a força argumentativa desse léxico: aumentando, no caso dos Modificadores Realizante (MR); abrandando, no caso dos Modificadores Desrealizantes; ou reforçando a aplicabilidade de um predicado e ainda

incidindo em comentário subjetivo do locutor, no caso dos Modificadores Sobre-realizantes (MS).

O estudo é especificamente, em textos argumentativos produzidos por alunos do Ensino Médio, com um corpus formado por 27 manuscritos coletados em uma escola pública na cidade de Cajueiro – AL. O problema de pesquisa consiste em saber se, realmente, a argumentação está inscrita na língua, como diz Ducrot e colaboradores, e de que maneira os efeitos polifônicos dos modificadores, em particular, os adjetivos e advérbios contribuem para a orientação argumentativa do texto, evitando a deriva e o esgarçamento do texto, contribuindo assim para sua compreensão?

Partindo do pressuposto de que há efeito de argumentação em todos os textos em que há encadeamento argumentativo, ou uma relação argumentativa convocando o texto à interpretação, podemos lançar aqui a mesma hipótese formulada na tese de Pereira de Castro (1996) e Campos (2005), ou seja, de que a argumentação é contraponto à deriva, mas suscetível à imprevisibilidade à qual a linguagem está submetida, e que ela pode evitar possíveis esgarçamentos do texto. Isto nos faz pensar que mesmo um texto inusitado e marcado pela oralidade como os deste *corpus* nos permite compreender a orientação argumentativa via utilização dos adjetivos e advérbios, mesmo suscetível a imprevisibilidade à qual a língua está submetida.

A base teórica deste estudo constitui-se basicamente em estudos realizados por Ducrot e colaboradores, por defenderem a tese de que a argumentação é uma questão linguística e não retórica. Como também Koch, Espíndola, Campos, Schneider e outros que trabalham a partir destas perspectivas.

Para este artigo fizemos um recorte do corpus e apresentaremos a análise de apenas um manuscrito do *corpus*.

## 1. A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA (TAL)

A argumentação ou retórica, no sentido de Aristóteles ou de Perelman passam a ser objeto da Linguística, surge uma tese que vem sendo desenvolvida há mais de vinte

anos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris por Oswald Ducrot e Jean- Claude Anscombe, e que atualmente conta com a colaboração de Marion Carel.

Essa teoria conhecida como Teoria da Argumentação na Língua (TAL) ou Teoria Semântica. Criada desde 1983, com a publicação do livro *Argumentação na Língua*, postula que a argumentação está na língua, ou seja, no valor semântico profundo (significação) de certas palavras, expressões e enunciados, dando indicações que não são de natureza informativa, e sim argumentativas.

Pela primeira vez ao longo do surgimento da retórica ou argumentação se tem a língua não mais como um mero recurso ou meio mais como o objeto principal do estudo da argumentação ao lançar como hipótese principal da teoria: “fundamentalmente a língua é somente argumentativa. E, se há um valor informativo, este é derivado daquele (argumentativo)” (ESPÍNDOLA, 2004, p. 16). Nesse sentido, Anscombe e Ducrot (1994) postulam uma semântica de natureza argumentativa.

Seus estudos sobre argumentação é de base estruturalista, nega a ideia de que a língua tem primeiramente uma função referencial e que o sentido do enunciado se julgue em termos de verdade ou falsidade. Os trabalhos de Anscombe e Ducrot (1994) diferenciam-se de outros estudos cujo objeto tenha sido a argumentação, pelo fato de proporem uma reconstrução linguística dos conceitos fundamentais da argumentação, numa perspectiva de língua, que ainda não havia sido explorada até então. O problema de base desses linguístas era o de saber por que o discurso impõe à argumentação restrições que não se explicam apenas pelas condições lógicas ou psicológicas da demonstração.

O objetivo geral dessa teoria argumentativa é opor-se à concepção tradicional do sentido que, geralmente, distinguem três indicações opostas no sentido: **as objetivas, as subjetivas e as intersubjetivas**. Para Ducrot as primeiras consistem na representação da realidade; as segundas indicam atitude do locutor frente à realidade e as últimas dizem respeito às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

Essa oposição se dá por Ducrot afirmar que a linguagem ordinária não possui uma parte objetiva e muito menos que os enunciados descrevam a realidade. Para demonstrar seu raciocínio com relação ao que foi exposto acima ele lança duas razões e ele exemplifica “supongamos que diga de Pedro que es inteligente. Aquí doy una

descripción de Pedro”<sup>3</sup> e Ducrot com esta frase procura explicar que a descrição dada está ligada a admiração subjetiva que ele tem por Pedro (atitude do locutor frente a realidade) e, que a inteligência não significaria nada se ele não sentisse admiração pela inteligência, sendo esse o aspecto intersubjetivo (às relações do locutor com as pessoas a que se dirige).

A segunda razão para opor-se a concepção tradicional é que ele unifica os aspectos subjetivos e intersubjetivos para chamá-los de valor argumentativo dos enunciados. Então, o que é o **valor argumentativo** para Ducrot e colaboradores? No texto *Polifonia y argumentación* (1988, p. 51), ele esclarece que [...] “o valor argumentativo de uma palavra é o papel que ela pode desempenhar no discurso, tornando-se o nível fundamental da descrição semântica”. Nessa perspectiva, o sentido de uma palavra é uma orientação para o sentido do enunciado e, então, para o discurso.

Neste sentido, o valor argumentativo, é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades da continuação discursiva. É a orientação dada ao discurso, uma palavra que torna possível ou impossível certa continuidade do discurso. Assim, o sentido é entendido como a orientação que a enunciação (do enunciado) fornece ao interlocutor para que a interpretação se processe e se produza com eficácia. Ou seja: não se deve compreender o sentido como certos elementos que fornecem para que se obtenha certa conclusão.

“Significar, para um enunciado, é orientar. De modo que a língua, na medida em que contrui em primeiro lugar para determinar o sentido dos enunciados, é um dos lugares privilegiados onde se elabora a argumentação” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983, apud FURLANETO, 2006) No caso dos elementos que articulam seqüências enunciativas, ver-se-á que eles estão a serviço de uma “intenção” argumentativa específica, remetendo ao conjunto de elementos de um texto.

Um dos objetivos da TAL é fazer a descrição semântica da linguagem no quadro do estruturalismo saussuriano. Existem dois princípios saussurianos relevantes para a TAL: o primeiro é que a língua é um sistema de signos, os quais se definem uns em relação aos outros, isto é, uma unidade em relação com as outras unidades. Da mesma maneira, Ducrot define a língua como um conjunto de frases, cujo sentido advém da

---

<sup>3</sup> Supúnhamos que diga de Pedro que ele é inteligente. Aqui dou uma descrição de Pedro. (Tradução nossa)

combinação com outras frases, formando, assim, o que ele chama de encadeamento argumentativo<sup>4</sup>. Portanto, se tomarmos como estudo o conjunto dos enunciados de uma língua, cada um deles define-se, do ponto de vista semântico, a partir das suas relações com os outros enunciados em discursos reais.

Na (Teoria da Argumentação na Língua) TAL, a noção de relação está nas relações sintagmáticas derivadas dos encadeamentos discursivos, em especial nos argumentativos. Este tipo de encadeamento é constituído de duas frases simples, em que há um argumento (A) e uma conclusão (C), que formam uma frase complexa: **o enunciado**. Entre A e C existe uma relação de causa e consequência, articulada por um conector explícito ou implícito. Essa relação pode ser expressa por A portanto C.

Ducrot justifica a escolha dessa relação argumentativa como foco de estudos da TAL por duas razões: a primeira é que essa relação é intrinsecamente ligada ao discurso, sem basear-se nas inferências que o discurso mostra. A segunda, por sua vez, é que a argumentação é fundamental nas relações discursivas, permitindo a unificação da descrição lingüística.

O segundo princípio saussuriano fundamental para a TAL é o da relação língua/fala. Pela interpretação que Ducrot faz dos conceitos estabelecidos por Saussure, há dentro da teoria estruturalista da linguagem uma distinção entre objeto e matéria da lingüística. A fala equivale à matéria, que é o dado empírico constituído de fatos fisiológicos, psíquicos, sociológicos, instituídos por uma coletividade. Saussure opta por estudar o objeto abstrato, definido por ele como sendo a língua, um construto teórico.

A língua é conceituada por ele como sendo o aspecto social, passivo da linguagem, um conjunto de convenções, enquanto a fala é o seu aspecto individual, ativo. Ao explicar essa noção de que a fala é um ato individual, Ducrot afirma que o falante atribui à sua enunciação um valor próprio, mas há uma causalidade social (da relação eu/tu) que justifica parcialmente o valor que é atribuído ao enunciado.

Além dos conceitos estruturalistas, Ducrot reforça, também, a idéia de que não se pode ignorar a enunciação, pois é a partir das palavras que a enunciação e seu

---

<sup>4</sup> “É o encadeamento argumentativo que é a unidade de sentido e argumentar consiste em ser coerente com regras que, através de sua lexicalização, aparecem como lugares comuns” (CAREL, 1997, p. 24).

contexto devem ser qualificados. Na escolha das palavras forma-se uma imagem da fala, e essa imagem é essencial para a compreensão do discurso. Assim, é o discurso que constrói o contexto.

Conseqüentemente, o contexto não preexiste ao discurso; o que preexiste é uma situação sem limites e sem estruturas, que é definida pelas palavras, e os pontos de vista tornam essa situação utilizável para a interpretação. Ao descrever a sua terminologia, Ducrot (1989) conceitua **frase, enunciado, significação, sentido**. É preciso se apropriar desses termos para entendermos melhor o funcionamento da TAL.

Ducrot (1998), apresenta em sua teoria distinção entre frase e enunciado; sentido e significação. Para ele, **frase** é a entidade teórica, linguística, construída pelo linguísta, enquanto que o **enunciado** é a realidade empírica, observável, é o que realmente interessa ao semanticista. Com relação ao sentido e a significação o teórico também os diferencia: **sentido** é o valor semântico do enunciado e **significação** é o valor semântico da frase. E acrescenta que o valor semântico da frase está constituído por diretrizes, instruções para a interpretação do enunciado.

Neste sentido, **a frase** como uma entidade lingüística abstrata, teórica, (equivale à **língua** para Saussure), uma sucessão de símbolos não necessariamente presentes no enunciado, fora de qualquer situação de discurso. **O enunciado** é a ocorrência particular da frase, entidade empírica que pode ser observada, (equivale à **fala** para Saussure). O valor semântico da frase é a significação, e o do enunciado, o sentido, que é produzido em uma determinada situação de uso.

## 2 Teoria Dos *Topoi*: Forma Recente

Na chamada forma recente da TAL, aparecem dois novos fatos: a argumentação já não é mais descrita em termos dos enunciados, mais sim em relação aos enunciadores do enunciado; como também é acrescida a noção de topos. Nesse momento, constitui-se a fusão da Teoria da Argumentação da língua com a Teoria da Polifonia com objetivo de descrever com mais profundidade e precisão o sentido.

A idéia central é a de que um locutor do enunciado assume uma determinada posição em relação a um enunciador que argumenta e aí está o valor argumentativo do enunciado. Em outras palavras, só será considerado ato de argumentação quando o locutor se identificar com um enunciador que argumenta.

Ducrot (1988), ainda acrescenta que, o ponto de vista de um enunciador é considerado argumentativo se existirem duas condições:

- a. A primeira é que esse ponto de vista seja destinado a justificar uma certa conclusão *r* sobre a realidade ou estado de coisa de que se fala no enunciado. Esta conclusão *r* pode ser implícita ou explícita no enunciado, podendo ser ou não assumida pelo locutor.
- b. A segunda é que o trajeto argumentativo de *E* para *r* se faça por meio do princípio argumentativo, um *topos*.

Mas, afinal o que é o *topos* para Ducrot? Um *topos* não é um conjunto qualquer de argumentos, mas um princípio argumentativo destinado a garantir a passagem do argumento à conclusão e tem pelo menos três propriedades: é **universal ou comum**; é **geral e é gradual**.

O *topos* tem característica **universal ou comum** por ter que ser compartilhado por uma comunidade linguística. O *topos* não deve ser apresentado como propriedade do enunciador, mas como lugar comum ao enunciador e a outras pessoas.

A segunda característica do *topos* é a **generalidade**, uma vez que como princípio deve ser julgado válido, além da situação na qual é aplicado, para um grande número de situações semelhantes, o que significa que argumentar consiste em integrar o estado de coisas particular de que se fala a uma categoria muito mais geral e para a qual o *topos* utilizado é igualmente considerado válido.

A terceira propriedade dos *topoi* é a **gradualidade** que é uma característica do *topos* que põe em relação duas propriedades graduais (duas escalas), na passagem de um argumento para uma conclusão. Um *topos* *T* põe em relação uma escala anterior *P* com uma escala posterior *Q*, ou seja, o *topos* põe em relação duas propriedades graduais. É o ponto de partida através do qual se desenvolve a idéia de Forma Tópica (FT).

Todo *topos* tem duas formas tópicas que se aplicam através do locutor, sendo que, no nível do enunciado, o enunciador convoca uma ou outra de suas formas tópicas (FT). Estas formas tópicas podem ser **diretas ou conversas**. A FT direta é representada por [+ P, + Q], [- P, - Q], ou pela FT conversa [+P, - Q], [-P, + Q].

O autor vai estender esse conceito de gradualidade ao léxico, trazendo o conceito de modificador, os quais são representados pelo adjetivo e advérbio. Vejamos o que Freitas expõe sobre isto:

O autor estende o conceito ao léxico, entendendo que as palavras apresentam uma gradualidade que lhes confere maior ou menor força argumentativa (DUCROT 1995b, 1998). Nesse ponto, agrega a sua teoria o conceito de



**modificador**, tido como o adjetivo ou advérbio que determina os predicados (nome ou verbo), podendo diminuir ou aumentar a aplicabilidade destes. Denomina “realizantes” (MR) os modificadores que aumentam essa força, e “desrealizantes” (MD) aqueles que a diminuem ou invertem (MD atenuador e MD inversor). Dentro de tal quadro explicativo, o autor repensa o exemplo-fetiche de sua teoria, o par pouco / um pouco, classificando o primeiro termo como inversor, e o segundo como atenuador. (FREITAS, 2006, p. 325)

## 2.2 A TEORIA DOS MODIFICADORES E A POLIFONIA

Para que se tenha êxito o homem precisa conhecer os meios que podem utilizar para fazer uso da argumentação e para tal é preciso aprender os recursos lingüísticos disponíveis para persuadir tanto na fala, quanto na escrita, e é aí que surge a modalização, que é inerente ao ser humano, pois desde que nasce o indivíduo tem essa capacidade, pelo olhar, a entonação de voz, e principalmente, com a linguagem, que faz com que o homem se revista de uma característica que lhe é única e que o torna ímpar: a capacidade de modalizar e, é com esse traço peculiar que inicia-se uma função que vai atravessar toda a sua vida: a argumentação. (SCHNEIDER, 2008)

Mas o que é modalização? A modalização é o fenômeno pelo qual o locutor expressa sua adesão ao texto, ou seja, é o modo como o sujeito defende seu(s) ponto(s) de vista. São muitas as formas de modalizar e podemos percebê-la através da presença de modalizadores.

Para Koch (1996, p. 138), são considerados modalizadores “[...]os elementos lingüísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso”. São vários os modalizadores.

Neste estudo, serão priorizados os adjetivos e os advérbios enquanto elementos modalizadores por excelência. Pois como já foi posto, o falante para conquistar as metas, por meio da linguagem, tem à sua disposição, uma série de recursos lingüísticos, que podem viabilizar seus objetivos. Um desses recursos é a modalização, por meio da utilização dos adjetivos e dos advérbios, que permitem convencer o interlocutor bem como demonstrar o seu posicionamento e as suas intenções.

Como pudemos perceber nas discussões realizadas sobre a TAL, de Ducrot e colaboradores, é possível nesta teoria, além do estudo do enunciado um estudo do léxico, agrupando as palavras de acordo com duas categorias: a das palavras plenas, composta por nomes (substantivos e adjetivos) e verbos, que possuem um conteúdo

semântico, e a das palavras gramaticais ou instrumentais, composta por conectores, articuladores e operadores.

O grupo dos operadores divide-se em duas subclasses: a dos modificadores e a dos internalizadores. A primeira, utilizada neste trabalho, corresponde a uma palavra (adjetivo e/ou advérbio) que atua sobre a força argumentativa do nome ou do verbo, alterando sua gradualidade e não o seu sentido. Dito de outro modo, trata-se de uma palavra Y que, associada a uma palavra X, forma um sintagma XY, cujo sentido é construído de aspectos que contêm apenas as palavras plenas (substantivos adjetivos e verbos) que já constituem a AI de X.

Os modificadores podem ser realizantes (MR) ou desrealizantes (MD), de acordo com Ducrot e os Sobre-Realizantes (MS), de acordo com Negroni. Os primeiros aumentam a força argumentativa da palavra a que são aplicados. Os segundos, por sua vez, diminuem essa força. Como exemplo, citamos as expressões **fáceis** e **difícil** quando associadas a problema: como a palavra problema já contém, em sua argumentação interna, a idéia de dificuldade, fácil funcionaria como modificador desrealizante, e difícil, como modificador realizante.

Sobre o Modificador Sobre-Realizante, reforçam a argumentatividade e também consiste em comentário subjetivo e polifônico do locutor. Schneider (2008), apresenta este exemplo em suas análises: Ex:Tião montava no touro **mais bravo** e **feroz** da região, seu nome já dizia tudo, Bandido. As expressões mais bravo e feroz funcionam como modificador Sobre-Realizantes, pois reforçam a argumentatividade do termo touro, como também consiste em um comentário subjetivo e polifônico do locutor, afinal não é apenas um touro, é o mais bravo e feroz.

Ducrot parte do ato de enunciação e não do enunciado, pois para ele não possui um fato e sim as múltiplas ocorrências possíveis de um enunciado nas diversas situações em que é empregado. Assim, no próprio enunciado pode-se extrair o sentido e a força argumentativa.

## METODOLOGIA : PROCEDÊNCIA E ANÁLISE DOS DADOS

### 2.1 A PROCEDÊNCIA DO *CORPUS*

O *Corpus* desta pesquisa é constituído por 27 manuscritos de alunos do Ensino Médio, provenientes de uma escola pública de Alagoas, localizada na cidade de

Cajueiro. Os quais foram produzidos a partir de propostas para textos argumentativos com os seguintes temas: o valor social da mentira e os jovens e as drogas.

O corpus faz parte do Projeto Integrado de Pesquisa em Manuscritos Escolares e Processo de Escrita MEPE/ CEDU/ UFAL, Neste Projeto, os pesquisadores trabalharam com professores da Rede Básica de Educação do Estado, como produzirem textos argumentativos e estes por sua vez, trabalharam com seus alunos o passo a passo e a partir deste trabalho foi pedido que produzissem os textos argumentativos que formam o corpus deste estudo.

Os manuscritos foram produzidos por alunos dos segundos e terceiros anos do ensino médio. Formando um total de dez textos produzidos por alunos do 2º ano C, tendo como tema: **os jovens e as drogas**; e dezessete produzidos por alunos dos 3º anos A e B, cujo tema é: **o valor social da mentira**. Totalizando vinte e sete textos, dos quais foi escolhido apenas um para este artigo, (Ver ANEXO B).

### 2.2.1. Os Critérios Para Análise Dos Dados

Para a análise do corpus foi realizado uma análise de conteúdo, numa abordagem qualitativa e semântica discursiva, através do aporte teórico da Teoria da Argumentação na língua (TAL). Os critérios estabelecidos foram: O uso dos adjetivos e advérbios (modificadores realizantes, derrealizantes e sobrerrealizantes) nos textos; o sentido do enunciado, por meio da posição do locutor; a polifonia do locutor e/ou de enunciador.

Para facilitar a visualização do leitor e melhor sistematização da análise foi construído um quadro contendo as iniciais dos nomes dos alunos, onde cada um receberá um número, pelo qual serão tratados ao longo das discussões. O quadro traz também os advérbios e os adjetivos retirados de cada texto e os fragmentos que os contem.

## 1.1 Apresentação do Manuscrito

Título: O Uso Social da Mentira

Autor: Taciana da Silva Martins

Série: 3º ano

Tipo Textual: argumentativo

Gênero: Manuscrito escolar

Data da produção: 12 de julho de 2007.

### 2.3 Quadro dos modificadores (advérbios e adjetivos) retirados do primeiro texto que compõe o *corpus*

TEMA: O VALOR SOCIAL DA MENTIRA – TEXTO 1

Quadro 1

Nº DA ALUNA	LETRAS INICIAIS DOS NOMES DA ALUNA	SÉRIE	ADVÉRBIOS	ADJETIVOS	ENUNCIADOS
Aluno 1	T.M.D.S	3ºB	Completamente; realmente; sempre; notavelmente; raramente; dificilmente; notavelmente obviamente; alternativamente.	destintos, diferentes; inversos; frequente e mesquinha; opostas; reais; acreditável; compulsivo; positivo; iguais; falsos; significativas;  real.	Percebe-se, em princípio, que mentira e verdade parecem ter espaços <b>destintos</b> ;  Porém desenvolvem atividades <b>completamente diferentes (...)</b>  Entre levantar fatos e falar o que houve <b>realmente</b> ,  (...) vemos que suas determinações <b>sempre</b> estão em lados <b>inversos</b> .  Função <b>frequente e mesquinha (...)</b>  Com o levante de opiniões <b>opostas (...)</b>  Valores <b>reais</b> da vida (...) estão sendo <b>notavelmente</b> distinguidos (...)  (...) Pois hoje <b>raramente</b>

					<p>algo dito ou questionado como o <b>correto</b> é <b>difficilmente acreditável</b> (...)</p> <p>Deixando de lado as marcas <b>obviamente</b> existente por esse uso <b>compulsivo</b>, desde que tudo criado se transforme em algo acontecido e <b>positivo</b> (...)</p> <p>Pode-se dizer <b>alternativamente</b> se todos trabalhasse em intenções <b>iguais</b>,(...)</p> <p>Deferia esse quadro de levantes <b>falsos</b>, invertido em coisas <b>significativas</b> e de sentido <b>real</b></p>
--	--	--	--	--	---

## TEXTO I

Os trechos analisados a seguir fazem parte do texto escrito por um aluno, nº 01, do 3º ano do ensino médio, de uma escola pública. O tema proposto consistia em expressar a opinião sobre o tema o uso social da mentira. Mantivemos na transcrição a mesma escrita dos alunos. (Ver transcrição completa do manuscrito no ANEXO A).

## TRECHO A

Percebe-se, em princípio, que mentira e verdade parecem ter espaços **distintos**, porém desenvolve atividades **completamente diferentes**. Entre levantar fatos e falar o que houve **realmente**, vemos que suas determinações **sempre** estão em lados **inversos**.

Nesse trecho conforme podemos ver logo no primeiro parágrafo, o locutor recorre a três adjetivos e dois advérbios que vão orientar argumentativamente seu discurso, para sustentar sua opinião com relação à mentira. O locutor inicia comparando mentira e verdade, para em seguida se posicionar desfavorável a mentira, e favorável a verdade, isso só é possível de ser percebido pela orientação argumentativa dos adjetivos e advérbios.

Mesmo com a utilização equivocada da conjunção “porém”, que exprime uma adversidade, uma vez que no texto em análise não satisfaz ao conjunto **p mas q não –r**, pois caberia ai um operador de conjunção aditiva “e”, que pudesse dar idéia de adição de pensamento. Mesmo com o equivoco cometido não há um esgarçamento do sentido, pois os adjetivos contribuem para reforçar a posição do locutor sobre a mentira e a verdade.

Parafraseando podemos compreender que a mentira é completamente diferente da verdade, ou seja, subtende-se que ele ache a mentira uma coisa muito ruim e a verdade uma coisa muito boa,( posições de contraste), por isso a posição é tão evidenciada pelos adjetivos que acompanham os sintagmas: espaços **distintos**; atividades completamente **diferentes**; determinações sempre em lados **inversos**. No primeiro caso, temos o que Ducrot chama de modificador realizante, pois aumenta a força argumentativa do predicado ao qual é aplicado no enunciado; e no segundo e no terceiro, modificadores sobre – realizantes, porque ao reforçar a orientação argumentativa do predicado sobre o qual atua, incide em comentário subjetivo do locutor.

Os adjetivos distintos, diferentes e inversos orientam argumentativamente a posição do locutor que permite convencer seu interlocutor, bem como marcar seu posicionamento com relação a mentira, como também remetem ao mesmo campo semântico no texto. Vejamos o que nos apresenta o minidicionário Aurélio (2004) sobre esses adjetivos:

**Distinto**, que não é igual; diferente; que se pode distinguir; que não se confunde.

**Diferente**, que não é igual, que difere; desigual.

**Inverso**, oposto, contrário; contrário ao sentido ou ordem natural.

Logo, podemos inferir que mentira e verdade para o locutor não se confundem, diferem, divergem entre si estão em lados opostos, contrários.

Além dos adjetivos, o locutor se utiliza de advérbios como: completamente, realmente e sempre. No primeiro exemplo temos: (mentira e verdade) atividades

**completamente** diferentes. O advérbio “completamente” visa intensificar o adjetivo diferente, pois para o locutor mentira e verdade não são apenas diferentes, mas sim completamente diferentes, essa ênfase não deixa margem para dúvidas sobre essas diferenças, as quais são responsáveis por colocar mentira e verdade em espaços distintos, culminando com a conclusão: por isso sempre estão em lados inversos, mais uma vez o uso de um advérbio, “sempre”, enfatizando o espaço de tempo, pois para o locutor, não é às vezes, mas sempre, que elas se encontram em lados inversos.

Em uma paráfrase, “atividade completamente diferente” poderia ser substituída por “atividade diferentíssima”, assim teríamos um superlativo de superioridade absoluta sintética, que levaria a um grau ainda mais positivo do sentido do nome. O substantivo atividade teria sua gradualidade alterada de forma significativa nos seguintes sintagmas:

E1 atividades diferentes (MR)

E2 atividades completamente diferentes (MS)

E3 atividades diferentíssimas (MS)

Como podemos observar, o adjetivo “diferente” no contexto lingüístico sob análise funciona como um modificador sobre- realizante (MS), pois reforça a orientação argumentativa do predicado ao qual é aplicado e ainda tem o advérbio “completamente”, que intensifica o significado do adjetivo diferente, para: completamente diferente; diferentíssimo. E, é argumentativo porque aponta polifonicamente para a presença de dois enunciadores, um dos quais o E2, que é assumido pelo locutor, e o E3, que o locutor se identifica. Assim, os modificadores, além de reforçar a orientação argumentativa, têm também outra função fundamental, que é a de revelar a posição argumentativa assumida pelo locutor, no discurso.

## TRECHO B

A mentira por sua vez, apresenta uma função **frequente e mesquinha**. Com o levante de opiniões **opostas** do que é real e verdadeiro, não apenas visa à discussão entre o erro e o acerto como cria uma versão onde se ocupa em confundir o seu meio e participantes.

Neste fragmento que dá continuidade ao texto, especificamente, no segundo parágrafo, o locutor retoma o termo mentira e enfatiza seu lado negativo e seu repúdio

por esta prática tão comum e freqüente em nossa sociedade. Para tal se utiliza do sintagma nominal “função freqüente e mesquinha”.

Tomando como referência o que nos diz o Miniaurélio (2004), sobre o significado do substantivo, função: prática ou exercício de função; posição, papel; atribuição. E sobre os adjetivos, freqüente e mesquinha; o primeiro pode significar: repetido, continuado, assíduo, comum, habitual. E o segundo seria; insignificante, parco, sórdido, baixo, avaro. Logo, o que o locutor pretende é sustentar a idéia apresentada no primeiro parágrafo de que a mentira é o oposto da verdade, portanto não é boa, apesar disso ela constitui-se em uma prática habitual, que faz levantar opiniões opostas sobre o real e o verdadeiro; o certo e o errado chegando a confundir os envolvidos.

Para esse entendimento do leitor, o locutor se utiliza dos seguintes sintagmas nominais; Função **freqüente e mesquinha**; opiniões **opostas**. Nos dois casos, temos Modificadores realizantes (MR), uma vez que reforçam a idéia de que a mentira é uma prática comum, habitual, repetida e freqüente em nossa sociedade, mas que mesmo se tornado comum não é boa, uma vez que levanta opiniões opostas e cria uma confusão entre os envolvidos.

#### TRECHO C

Na sociedade, em que vivemos a transição dos valores **reais** da vida, baseados em tradições estão sendo **notavelmente** distinguidos, isto é, aqueles resultantes dos nossos antepassados, pois **hoje raramente** algo dito ou questionado como o correto é **difícilmente acreditável**.

No terceiro parágrafo, o locutor apresenta um argumento que a seu ver favorece a disseminação da mentira, em maiores proporções, na sociedade atual, pois os valores, que ele enfatiza como **reais**, baseados nas tradições estão sendo **notavelmente** distinguidos dos de **hoje**, uma vez que é difícil (difícilmente) e raro (raramente) acreditar em algo dito ou questionado como correto, ou seja, para o locutor, hoje (na atualidade) não se respeitam os valores tradicionais, como era no passado, culminando assim com a disseminação da mentira.



Isto remete a um posicionamento do locutor com relação a visão do antes, pois no passado havia mais respeito aos valores, logo a verdade por ser considerada um valor, seria mais valorizada; hoje, o não respeito as tradições (traduza-se, aqui valores) não são tão respeitadas, logo não se reconhece os méritos dos valores, sendo assim, a verdade por constituir-se um valor, não seria valorizada, logo a mentira teria melhores condições de se propagar e de se tornar um hábito comum, rotineiro, freqüente, visto como algo natural como ele explicita no segunda parágrafo.

O que podemos inferir mais uma vez que o locutor se utilizou do adjetivo “real” para especificar os tipos de valores da vida baseados em tradição. No qual ele fez uso também do operador discursivo “isto é”, que visou a esclarecer e a desenvolver a enunciação anterior. Os modificadores mais uma vez usados pelo locutor trazem sentido ao enunciado.

#### TRECHO D

Deixando de lado as marcas **obviamente** existentes por esse uso **compulsivo**, desde que tudo criado se transforme em algo **acontecido e positivo**, pode-se dizer **alternativamente** se todos trabalhassem em intenções **iguais**, deferia esse quadro de levantes **falsos**, invertido em coisas **significativas** e de sentido **real**.

Para finalizar seu texto o locutor faz uso de mais seis adjetivos e dois advérbios. Apesar de confuso o texto, podemos por meio dos modificadores ainda conseguir perceber as intenções iniciais do locutor, que é o de defender a verdade e opor-se ao uso compulsivo da mentira.

Parafraseando poderíamos ter: Se deixar de lado o uso compulsivo da mentira e criar novos hábitos positivos (subtende-se verdadeiros), alternativamente se todos trabalhassem em intenções iguais ( que não sob a ótica da mentira), teríamos uma sociedade diferente marcada pelas coisas significativas e o sentido real (subtende-se sob a ótica da verdade).

Tomando os sintagmas presentes no trecho D, temos:

- (1) Uso compulsivo (MR)

- (2) Algo positivo (MR)
- (3) Intenções iguais (MR)
- (4) Levantes falsos (MD)
- (5) Coisas significativas (MR)
- (6) Sentido real (MR)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Significar, para um enunciado, é orientar. “De modo que a língua, na medida em que contribui em primeiro lugar para determinar o sentido dos enunciados, é um dos lugares privilegiados onde se elabora a argumentação” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, prefácio; tradução minha). No caso dos modificadores em estudo, pudemos ver que eles estão a serviço de uma “intenção” argumentativa específica, remetendo ao conjunto de elementos de um texto, que orientando a argumentação contem os possíveis esgarçamentos, mesmo que este ainda seja passível de deriva.

## REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, J-C; DUCROT. O. **La argumentación em La lengua**. Versión española de Julia Sevilla e Marta Tordesillas. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1994.

CAMPOS, Claudia Mendes. **Efeitos argumentativos na escrita infantil ou ilusão da argumentação**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Linguagem. Campinas, São Paulo, 2005.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación Y Análisis del discurso. Cali: Universidade dell Vale, 1988.

ESPÍNDOLA, Lucienne. **A entrevista**: um olhar argumentativo. João Pessoa: EDUFPB, 2004.

\_\_\_\_\_. Retórica e argumentação. In: SILVA, Joseli Maria da; ESPÍNDOLA, Luciene. (Orgs.). **Argumentação na língua**: da presuposição aos topoi. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1996.

**Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977 6.ed. 2004.

PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. **Aprendendo a Argumentar:** um momento na construção da linguagem. 2.ed. ed. rev. Campinas: Unicamp, 1996.

SCHNEIDER, Fernanda. A Força Argumentativa Polifônica do Adjetivo nas Produções Textuais dos Alunos. Letra Magna. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura.** Universidade de Passo Fundo – Mestrado  
.2008.em:<<http://www.letramagna.com/forcaargumentativapolifonica.pdf>>.Acesso em 16 de julho de 2010

ANEXO

## ANEXO A

### Transcrição do Manuscrito

#### O Uso Social da Mentira

1. Percebe-se, em princípio, que mentira e verdade parecem ter espaços 2. distintos, porém desenvolve atividades completamente diferentes.
3. Entre levantar fatos e falar o que houve realmente, vemos que suas
4. determinações sempre estão em lados inversos.
5. A mentira por sua vez, apresenta uma função freqüente e mesquinha. 6. Com o levante de opiniões opostas do que é real e verdadeiro, não
7. apenas visa à discursão entre o erro e o acerto como cria uma versão 8. onde se ocupa em confundir o seu meio e participantes
9. Na sociedade, em que vivemos a transição dos valores reais da vida, 10. baseados em tradições estão sendo notavelmente distiguídos, isto 11. é, aqueles resultantes dos nossos antepassados, pois hoje
12. raramente algo dito ou questionado como o correto é dificilmente
13. acreditável.
14. Deixando de lado as marcas obviamente existentes por esse uso
15. compulsivo, desde que tudo criado se transforme em algo.
16. acontecido e, positivo, pode se dizer alternativamente se todos
17. trabalhasse em intenções iguais, deferia esse quadro de levantes
18. falsos, invertido em coisas significativas e de sentido real.

(Maria Taciana Martins da Silva)

"30 B"

12 07 07

10.

Português

© 2006 Fila &amp; Co.

Produção de Texto  
Dissertativo - ArgumentativoTema: uso social da Mentira

Percebe-se, em princípio, que mentira e verdade parecem ter espaços distintos, porém desenvolvem atividades completamente diferentes. Entre levantar fatos e falar o que houve realmente, vemos que suas determinações sempre estão em lados inversos.

A mentira por sua vez, apresenta uma função frequente e mesquinha. Com o levantar de opiniões opostas do que é real e verdadeiro, não apenas visa à discussão entre o erro e o acerto como cria uma versão onde se ocupa em confundir o seu meio e participante na sociedade, em que vivemos a transição dos valores reais da vida, baseados em tradições estão sendo notavelmente desligados, isto é, aqueles resultantes dos tempos antepassados, pois hoje raramente algo dito ou questionado como o correto é dificilmente acreditável.

Observando de lado as marcas obviamente existentes por esse uso compulsivo, desde que tudo criado se transforme em algo acontecido e positivo, pode-se dizer alternativamente se todos trabalhasse em intenções iguais, deixaria esse quadro de mentes falsas, invertido em coisas significativas e de sentido real.

nome: Tarizama Martins da Silva

nº 28 "30 B"

